

CONCEPTUALIZAÇÃO, INTERDISCURSIVIDADE,
ARQUITEXTO, ARQUIDISCURSO

Cidmar Teodoro Pais (USP)

0. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa estudou, numa abordagem multidisciplinar, aspectos dos processos de *cognição* e das relações de *significação*, enquanto fenômenos conceptuais e metalingüísticos, conjunto de procedimentos determinantes de intertextualidade, interdiscursividade, transcodificação, face às articulações postuláveis entre semântica cognitiva, semântica de língua e de discurso, sociossemiótica, semiótica das culturas. Utilizaram-se modelos teóricos relativos ao percurso gerativo da enunciação de codificação e de decodificação, às transformações/conversões entre as unidades correspondentes aos distintos patamares de produção discursiva: da *percepção* à *conceptualização*, entre uma vivência e sua apreensão, segundo pregnâncias socioculturais, escolhas coletivas de traços semântico-conceptuais; a *conceptualização*, construção do *conceptus lato sensu*, ‘modelo mental’, e de seus componentes, o *conceptus stricto sensu*, subconjunto dos traços semântico-conceptuais ‘universais’, o *metametaconceptus*, subconjunto de atributos culturais, ideológicos, o *metametaconceptus*, subconjunto dos traços modalizadores, manipulatórios, o *arquiconceptus*, intersecção multilingüística e transcultural, em função das pregnâncias, e a articulação de uma tensão dialética entre o *conceptus* e o correspondente recorte cultural, *designatum*; a *denominação*, que estabelece relação entre ‘modelo mental’, do metassistema conceptual, e unidades lexicais, do sistema e das normas discursivas; a *designação*, que instaura relação entre unidade lexical e *designatum*; a *referência*, que engendra relação entre a *função semiótica* e os ‘*objetos no mundo*’. Examinaram-se estruturas de redes léxico-semântico-conceptuais, referenciais, pragmáticas, da *cognição* à *semiose*; e relações entre processos discursivos – que contêm necessariamente suas enunciações de codificação e de decodificação – e entre textos-enunciados, que conduziram à proposição de dois ‘modelos mentais’ transfrásticos, o *arquidiscorso* e o *arquitexto*, como também à proposição de ‘*isotopias*’ *conceptuais*. Verificou-se que relações de *significação*, no plano lingüístico/semiótico, pressupõem transformações na rede de ‘modelos mentais’, no nível conceptual,

semântico-cognitivo, e no nível interdiscursivo; verificaram-se, ainda, processos de produção e reconhecimento daquelas 'isotopias' *conceptuais*. Formalizaram-se relações entre *conceptus*, entre estes e sememas lingüísticos frásticos e transfrásticos co-ocorrentes, *designata* e referências, que provocam uma *releitura*, um reordenamento *léxico-semântico-conceptual*. Concluiu-se que o *arquidiscorso*, 'modelo mental' transfrástico, resulta da neutralização das especificidades de vários discursos manifestados, mantidos o *processo de produção discursiva, de enunciação*, as 'isotopias' *conceptuais*, que constituem sua intersecção não-vazia; o *arquitexto*, 'modelo mental' transfrástico, decorre, igualmente, da neutralização das especificidades de vários textos-enunciados, mantidos *conceptus* e recortes culturais subjacentes, *sistemas de valores* sustentados em semântica profunda, *isotopias semânticas* determinadas por 'isotopias' *conceptuais*, que constituem sua intersecção não-vazia. Concluiu-se, também, que o sujeito semiótico enunciador/enunciatário do discurso possui uma competência lingüística, semiótica, sociocultural e um 'saber sobre o mundo', resultantes dos discursos anteriores por ele codificados ou decodificados, ou seja, do seu processo histórico individual e/ou coletivo. Detém, ainda que de forma intuitiva, experiência e conhecimento que lhe permitem reconhecer em cada processo discursivo e nos seus textos, o(s) universo(s) de discurso, o *arquidiscorso*, o *arquitexto*, estabelecer relações interdiscursivas e intertextuais, assim como as 'isotopias' *conceptuais* que dão significado ao discurso e ao texto em causa.. O *arquidiscorso* caracteriza-se como 'modelo mental' e intersecção entre processos discursivos; o *arquitexto*, como 'modelo mental' e intersecção entre textos-enunciados, intersecções *variáveis*, segundo as diferentes culturas, sociedades, normas regionais, de classe social, de grupo profissional. *Arquidiscorso* e *arquitexto* constituem modelos e parâmetros que asseguram, respectivamente, a produtividade discursiva e a intelecção/interpretação de textos. Explicam-se, assim, processos de significação, metalinguagem, rediscorso, *reelaboração do mundo semioticamente construído*, do *imaginário coletivo*, do *saber compartilhado sobre o mundo*.

1. CONCEPTUALIZAÇÃO E SEMIOSE
NO ÂMBITO DO PERCURSO GERATIVO DA ENUNCIÇÃO

O processo de produção do conhecimento, articulado ao da produção da significação, como função semiótica, ou, noutras palavras, as relações entre *episteme*, como projeção do homem sobre os 'objetos do mundo', na concepção aristotélica, como construção do 'saber sobre o mundo', e *semiose*, enquanto produção da significação, ou seja, das *designationes* que manifestam os *designata*, recortes culturais, nas diferentes semióticas-objeto, verbais, não-verbais e sincréticas, podem ser mais satisfatoriamente explicados, quando examinados no quadro do percurso gerativo da enunciação. Nosso modelo de percurso gerativo da enunciação de codificação e de decodificação, compreende os patamares da *percepção*, da *conceptualização*, da *semiologização*, da *lexemização*, da *atualização*, da *semiose*, quanto ao *fazer persuasivo*, do sujeito enunciador; os do *reconhecimento* da semiótica-objeto, da *ressemiotização*, da *ressemiologização* e da *reconceptualização*, quanto ao *fazer interpretativo*, do sujeito enunciatário; e as transformações que entre eles se realizam (PAIS, 1993, 1997, 1998).

Tornou-se necessário examinar a estruturação das unidades correspondentes a cada patamar do percurso e suas relações: a questão das *latências*, *saliências*, *pregnâncias* (Pottier, 1992: 72); a construção do protótipo (DUBOIS, 1990: 29-100) e do *conceptus* (Rastier, 1991: 73-114), 'modelo mental', sua relação com o recorte cultural, na *conceptualização*; a relação de *denominação*, entre 'modelo mental', do metassistema conceptual, e unidade 'lexical', de sistema e normas discursivas; a relação de *designação*, entre unidade 'lexical' e recorte cultural; a *referência*, relação entre funções semióticas intra-sígnicas manifestadas e recortes culturais, 'objetos do mundo', tomados no texto. Nesse percurso, entendem-se as latências como os atributos semânticos possíveis dos 'objetos' e 'processos' da semiótica natural; as saliências, como os atributos que se destacam, na estrutura, funcionamento e hierarquia dos 'fatos naturais'. As pregnâncias, por sua vez, constituem o resultado da atividade do homem, das escolhas que faz nas diferentes maneiras de apreensão daqueles 'fatos'. Assim, o protótipo constitui núcleo noêmico, núcleo sêmico conceptual. A ele podem corresponder um ou vários *conceptus* que o contêm, numa relação de inclusão. O *conceptus*, ou 'modelo mental',

constitui, dessa maneira, um conjunto noêmico expandido, conjunto sêmico conceptual, resultante de uma *escolha* do sujeito individual e/ou coletivo. Articulam-se dialeticamente os *conceptus* e os recortes culturais, ou *designata*, que funcionam como 'referentes' ou, mais precisamente, como 'objetos do mundo' semioticamente construído de uma cultura e sociedade.

Por outro lado, esse 'modelo mental', mais precisamente, o *conceptus lato sensu*, no nível semântico cognitivo, tem uma estrutura complexa. Compreende: a) o *conceptus stricto sensu*, subconjunto dos traços semântico-conceptuais 'biológicos' ou 'universais; b) o *metaconceptus*, subconjunto dos atributos culturais, ideológicos; c) o *metametaconceptus*, subconjunto dos traços modalizadores, manipulatórios; d) o *arquiconceptus*, subconjunto-intersecção, que autoriza as transcódificações multilíngües e trans-culturais (BARBOSA, 2000). Esquemáticamente, temos:

Classes de Noemas/ <i>conceptus</i>	Caracterização semântico -conceptual	Natureza
Noemas 'universais'	Universais semânticos hiperprofundos	Mecanismos básicos cognição
<i>Conceptus</i>	Atributos semântico- conceptuais culturais	Pregnâncias / escolhas
<i>Metaconceptus</i>	Atributos culturais ideol- ógicos	Pregnâncias / ideologia
<i>Metametaconceptus</i>	Atributos modalizadores manipulatórios	Pregnâncias/ideologia
Arquiconceptus	Atributos multiculturais, multilíngüísticos	Intersecção conceptual

Figura 1: Classes noemáticas e conceptuais

Tomando por base nosso modelo anterior, construímos um novo modelo teórico que procura dar conta da produtividade sistêmica e discursiva, da produção, reiteração, transformação dos recortes e das significações que os manifestam em discurso, da modificação da competência, decorrente da produtividade discursiva, ao longo do processo histórico, numa dinâmica configuradora de *processo semiótico*. Explica-se, assim, o processo de produção do discurso, a partir do sistema – a competência autoriza o desempenho -; a produção, reiteração, transformação dos recortes e das significações que os manifestam em discurso; a produção de novo estágio do sistema, modificação da competência, decorrente da produtividade discursiva, ao

longo do processo histórico da sociedade, em seu todo, como em cada um de seus membros, numa relação dialética.

Essa produção, reiniciada e reiterada em cada enunciação, conduz à (re)constituição de um metassistema conceptual – ‘léxico’ e ‘sintaxe’ -, disponível para atualização em qualquer semiótica-objeto de determinada comunidade, caracterizando-se como uma pancronia (funcionamento e mudança). Articulam-se dialeticamente *conceptus* e recortes culturais, ou *designata*, que funcionam como ‘referentes’, como ‘objetos do mundo’ *semioticamente construído* da cultura e da sociedade envolvidas.

Importa salientar nesse modelo, pois, de forma mais minuciosa, alguns aspectos das relações entre o *fazer do sujeito da cognição* e o *fazer do sujeito da semiose*.

Em cada processo discursivo, desenvolve-se o *fazer persuasivo* do sujeito enunciator do discurso, através dos patamares da percepção, da conceptualização, da semiologização, da lexemização, da atualização, da semiose. Verifica-se que, na enunciação de codificação e a partir da percepção biológica – culturalmente filtrada em função dos comportamentos e condicionamentos adquiridos, ou, noutras termos, do ‘aprendizado’ de uma comunidade – dos dados da experiência, desencadeia-se no patamar da conceptualização, a produção de modelos mentais – *conceptus* – e recortes culturais – *designata* -, que leva em conta a prévia detecção e escolha de atributos semânticos conceptuais, das pregnâncias dos ‘objetos’, dos processos e atributos da semiótica natural e sociocultural.

Essa produção, sempre reiniciada e reiterada em cada enunciação, conduz, por geração, acumulação e transformação, à construção de um ‘léxico’ conceptual – protótipos e *conceptus* – e de uma ‘sintaxe’ conceptual, ou, noutras palavras, de um metassistema conceptual disponível para atualização em qualquer semiótica-objeto de determinada cultura e sociedade.

Dessa forma, comporta-se o metassistema conceptual como sistema de matrizes sígnicas – dialeticamente articuladas aos recortes culturais, como vimos – da produção de funções semióticas e metasemióticas *lato sensu*.

Segue-se à conceptualização, já examinada, a semiologiza-

ção, enquanto processo de conversão dos atributos dos conjuntos noêmicos em atributos semânticos pré-semióticos, trans-semióticos, e de (re)ordenamento de campos semânticos, os *tópoi*.

A semiotização configura-se como outro nível que depende da *escolha* – consciente ou não – da semiótica-objeto – verbal (uma língua natural), não-verbal ou sincrética -, inserida na *macrossemi-ótica* de uma cultura.

Compreende a semiotização o nível da lexemização, entendida, por sua vez, como processo de conversão dos *conceptus*, das matrizes noêmicas, em funções semióticas (grandezas signos) de uma semiótica-objeto e/ou em funções metasemióticas dessas grandezas, ou seja, da geração e/ou transformação de *designationes*, relacionadas a determinado *conceptus* e seu correspondente *designatum*.

Nas línguas naturais e seus discurso, por exemplo, importa distinguir, na etapa da atualização, o nível do sistema e o das normas. No sistema, caracterizam-se as unidades lexicais, enquanto *designationes*, por um *semema polissêmico*, denominado *sobressemema*. Sofre esse semema uma *restrição sêmica*, quando de sua inserção numa norma, no plano diatópico e/ou diastrático e, sobretudo, num universo de discurso. Desse modo, a um sobressemema, ao nível do sistema, correspondem vários *sememas* específicos, caracterizadores de *normas discursivas*.

2. INTERTEXTUALIDADE, INTERDISCURSIVIDADE, TRANSCODIFICAÇÃO, ARQUIDISCURSO, ARQUITEXTO

Nessa perspectiva, a produção, acumulação e transformação do saber sobre o 'mundo' somente ocorrem no processo de enunciação do discurso, concomitante e indissociavelmente da produção, armazenagem, e recuperação, durante o percurso gerativo, da significação e da informação semioticamente construída. Esse percurso sustenta-se, pois, dentre outros aspectos, num *contrato de cooperação* entre sujeito enunciador – sujeito da enunciação de codificação – e sujeito enunciatário – sujeito da enunciação de decodificação -, sem o qual não são viáveis a produção cognitiva e a produção de significação, concomitantes e articuladas.

A combinatória particular das unidades no enunciado de determinado discurso manifestado, em função das relações *intratextuais*, *intertextuais*, *intradiscursivas*, *interdiscursivas*, conduz, dialeticamente a uma ampliação do *epissemema* dessas unidades, nesse discurso, de que resulta o processo da semiose, do ponto de vista do sujeito enunciatário, com a produção de significação e informação novas, específicas do discurso em causa e dotadas de valor de comunicação. Verifica-se, na verdade, que as mesmas relações entre sistema, normas e discurso manifestado ocorrem nas semióticas não-verbais e sincréticas, *mutatis mutandis*.

Em síntese, cumpre distinguir diferentes relações. A *conceitualização* estabelece o percurso entre a percepção e a construção do ‘modelo mental’, *conceptus*, dialeticamente articulado a um recorte cultural; a *denominação* configura a etapa pela qual um *conceptus* é lexemizado, ou, se preferirmos, é convertido em ‘lexema’ de determinada semiótica-objeto, estabelecendo-se a relação *conceptus-denominação*; a designação define a relação entre a função semiótica e/ou metassemiótica *lato sensu* e o *designatum*, o recorte cultural, a *referência* qualifica-se como relação de implicação entre o significado (excepcionalmente, também, o significante, na ‘função poética’) construído no texto e o mundo semioticamente construído, que para os sujeitos enunciatário-enunciatário, naquele universo de discurso, equivale à uma ‘visão de mundo’, apoiada na rede de *designata*, de recortes culturais.

Ao fazer do sujeito enunciatário correspondem, como vimos, no *fazer interpretativo* do sujeito enunciatário, os patamares da percepção do objeto semiótico concreto, da reatualização ou do reconhecimento (da semiótica-objeto e dos elementos manifestados), da ressemiotização, da ressemiologização, da reconceitualização, conducentes à realimentação e a auto-regulação do metassistema conceptual. De maneira sumária, pois, podemos considerar em conjunto o *fazer persuasivo* do sujeito enunciatário e o *fazer interpretativo* do sujeito enunciatário, inseridos e articulados no percurso gerativo da enunciação do processo discursivo.

Entrementes, o *conceptus lato sensu* e, particularmente, o *arquiconceptus* constituem *critérios*, no nível da estrutura hiperprofunda, ou seja, funcionam como um *tertius comparationis*, que determi-

na o grau de aceitabilidade e permite avaliar a relativa ‘precisão’ das equivalências propostas nos *atos metalingüísticos, no rediscorso, nas transcódificações intratextuais, intertextuais, intradiscursivas, interdiscursivas, intersemióticas e transculturais*.

Nesse sentido, considerados, por exemplo, dois processos discursivos, concomitantes (em paralelo) ou subseqüentes – cada um com suas enunciações de codificação e de codificação – e seus textos – do enunciador e do enunciatário –, enquanto discursos manifestados de semiótica-objeto verbais, não-verbais e sincréticas, o *conceptus* (intracultural) e, sobretudo, o *arquiconceptus* (transcultural) asseguram que tais discursos sustentem – no nível hiperprofundo, semântico-cognitivo, do percurso gerativo de enunciação de codificação e de decodificação –, as mesmas ‘*isotopias*’ *conceptuais*, transsemióticas e transculturais, determinando relações de *interdiscursividade* (entre processos) e de *intertextualidade* (entre textos-enunciados). Sabemos, igualmente, que os discursos só significam numa relação de *interdiscursividade*, os textos só significam numa relação de *intertextualidade*. Dessa maneira, o *arquiconceptus*, define as ‘*isotopias*’ *conceptuais* e determina, *ipso facto*, *isotopias semânticas* equivalentes em diferentes semióticas-objeto e nos correspondentes discursos manifestados.

Desse modo, são os elementos do patamar semântico-cognitivo que *autorizam as relações interdiscursivas e intertextuais e viabilizam os diferentes processos de transcódificação* acima citados. Se tomarmos dois discursos e seus textos, observaremos que têm em comum o modelo de percurso gerativo da enunciação e, mais, ainda, semelhantes ‘*isotopias*’ *conceptuais*, com intersecções diferentes de zero.

Considerados vários discursos manifestados – de várias semióticas-objeto verbais, não-verbais e sincréticas, intraculturais ou transculturais – e seus textos-enunciados, torna-se possível formalizar duas noções relevantes, as do *arquidiscorso* e do *arquitexto*, esta última inspirada inicialmente na proposição de RASTIER (2000).

O *arquidiscorso*, a nosso ver, resulta da neutralização das especificidades de vários discursos manifestados, mantidos o *processo de produção discursiva, de enunciação*, e as ‘*isotopias*’ *conceptuais*, que constituem sua intersecção não-vazia.

Em nossa concepção, o *arquitexto* decorre, da mesma forma, da neutralização das especificidades de vários textos enunciados, mantidos os *conceptus* e recortes culturais subjacentes, os *sistemas de valores sustentados* em semântica profunda, as *isotopias semânticas decorrentes das 'isotopias' conceptuais* determinantes das primeiras, que constituem a intersecção não-vazia entre os mesmos textos.

O sujeito semiótico enunciator/enunciatório do discurso possui uma competência lingüística, semiótica, sociocultural e um 'saber sobre o mundo' que resultam dos discursos anteriores por ele codificados ou decodificados, ou, se preferirmos, do seu processo histórico individual e/ou coletivo. Detém, ainda que de forma intuitiva, a experiência e o conhecimento que lhe permitem reconhecer em cada processo discursivo e nos seus textos, o(s) universo(s) de discurso, o *arquidiscorso*, o *arquitexto*, estabelecer relações interdiscursivas e intertextuais, assim como as *'isotopias' conceptuais* que dão significado ao discurso e ao texto em causa. (Cf. gráfico mais adiante)

Nessas condições, o *arquidiscorso* caracteriza-se como 'modelo mental' e intersecção entre processos discursivos; o *arquitexto*, como 'modelo mental' e intersecção entre textos enunciados. Essas intersecções são *variáveis*, no sentido matemático (maiores que zero e menores que um), segundo as culturas, as sociedades, as diferentes normas regionais, de classe social, de grupo profissional, dentre outros aspectos. De toda maneira, *arquidiscorso* e *arquitexto* constituem modelos e parâmetros que asseguram, respectivamente, a produtividade discursiva e a inteligência/interpretação de textos.

3. CONCLUSÃO

Observaram-se redes léxico-semântico-conceptuais, referenciais, pragmáticas, da *cognição à semiose*. Verificou-se que relações de significação, rede de oposições, no plano lingüístico/semiótico, pressupõem transformações na rede de 'modelos mentais', no nível conceptual e interdiscursivo. Formalizaram-se conjuntos de traços semântico-conceptuais, os *conceptus*, entre si e entre sememas lingüísticos frásticos e transfrásticos co-ocorrentes, entre estes, *designata* e referências, provocando uma *releitura*, um reorde-

namento *léxico-semântico-conceptual*. Conclui-se que, da neutralização de textos no processo de intertextualidade, decorre o *arquitexto*; da neutralização interdiscursiva, o *arquidiscorso*. Explicam-se processos de significação, de metalinguagem, de rediscorso, de *reelaboração do mundo semioticamente construído*, do *imaginário coletivo*, do *saber compartilhado sobre o mundo*.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Maria Aparecida. Estruturas e tipologia dos campos conceptuais, campos semânticos e campos lexicais”. *Acta semiotica et linguistica*, São Paulo, v. 8, p. 95-120, 2000.\

DUBOIS, Danielle *et al.* *Sémantique et cognition. Catégories, prototypes, typicalité*. Paris: CNRS, 1991.

PAIS, Cidmar Teodoro. *Conditions sémantico-syntaxiques et sémiotiques de la productivité systémique, lexicale et discursive*. Paris/Lille: Université de Paris Sorbonne/A.N.R.T., 1993.

———. Conceptualização, denominação, designação: relações. *Revista Brasileira de Lingüística*, São Paulo, v. 9, p. 221-240, 1997.

———. Conceptualisation, dénomination, désignation, référence: réflexions à propos de l'énonciation et du savoir sur le monde. Poulet, J. *et al.* (Orgs). *Textures. Cahiers du C.E.M.I.A. Recueil d'Hommage à Mme. Le Professeur Simone Saillard*. Lyon: Université de Lyon 2, p. 371-384, 1988.

POTTIER, Bernard. *Sémantique générale*. Paris: PUF, 1992.

RASTIER, François. *Sémantique et recherches cognitives*. Paris: PUF, 1991.

———. Para uma poética generalizada. *Acta semiotica et linguistica*, São Paulo, v. 8, p. 445-470, 2000.

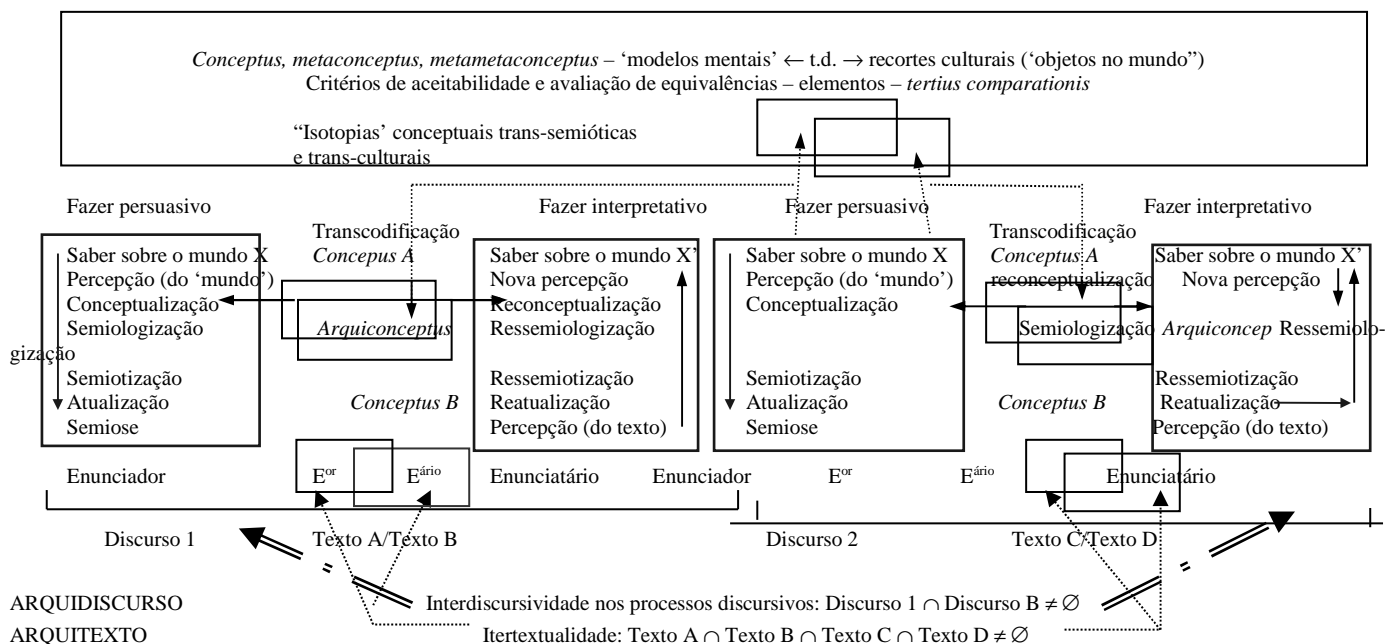


Figura 2: Da intertextualidade, da interdiscursividade e da transcodificação conceptual no percurso gerativo da enunciação de codificação e de decodificação